

L'OFFICINA EPIGRAFICA ROMANA
IN RICORDO DI GIANCARLO SUSINI

a cura di

ANGELA DONATI e GABRIELLA POMA

FRATELLI LEGA EDITORI
FAENZA

ANA CAESSA – JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

EPIGRAFIA DE OLISIPO 66 ANOS DEPOIS!

Omaggio

Il mio primo incontro con Giancarlo Susini è stato a Constantza (Settembre 1977), in occasione del IX Congresso Internazionale di Epigrafia Greca e Latina. Preparavo già in quel momento la tesi di dottorato e gli ho sottoposto qualche dubbio che volevo risolvere con lui. Gli sono stato presentato dal mio relatore, il Professore Robert Étienne, e Giancarlo Susini ha visto le foto delle epigrafi del *Conventus Pacensis* che io gli ho mostrato e... mi ha detto una frase del tipo «Ma... non è lei lo specialista dell'epigrafia della Lusitania?». Allora, il mio dubbio era, senz'altro, anche il suo.

Mi ha confidato poi che il primo libro di epigrafia della Lusitania che aveva letto era *Epigrafia de Olisipo*, di Vieira da Silva (Lisbona 1944). E la nostra amicizia si è mantenuta, poi, negli anni, con progetti comuni, soprattutto nell'ambito del programma ERASMUS. E proprio Ana Caessa è stata una delle prime studentesse di Coimbra che è andata a studiare a Bologna.

Come si sa, l'ultimo scritto di Susini per il quotidiano bolognese *Il Resto del Carlino*, dove aveva l'abitudine di scrivere, è stato «A Sintra, tra i 'libri' scolpiti dai nostri avi» (1). La Lusitania, il Portogallo, dove abbiamo avuto la gioia di riceverlo parecchie volte, stava veramente nel suo cuore. E Giancarlo Susini stava, senza dubbio, nel cuore degli epigrafisti portoghesi.

Questa la ragione della nostra presenza qui, in questa riunione di omaggio, evocando uno dei primi libri sull'epigrafia di *Olisipo*, anche perché Ana Caessa lavora nel municipio olisiponense e ha fra i suoi compiti la preparazione dell'inventario dell'epigrafia romana della città. Per questo presentiamo qui un piccolo bilancio di quello che è stato fatto 66 anni dopo la pubblicazione del *corpus* di Vieira da Silva. [J. d'E.]

(1) 24.10.2000, p. 24. Ho avuto la possibilità di tradurlo in portoghese «Em Sintra, entre os "livros" esculpidos pelos nossos avós» [in *Al-madan*, 10 (Dezembro 2001) p. 210-211)], con una piccola introduzione evocativa: cfr. «O depoimento de Giancarlo Susini sobre o Museu de Odrinhas». La fig. 1 presenta proprio Susini nel giorno dell'inaugurazione di questo Museo [11 Sett. 1999].



Fig. 1. Susini em Odrinhas.

Introdução

Num contexto em que a noção de «oficina epigráfica», tão cara ao nosso Mestre, assume particular relevo, diremos que precisamente em Odrinhas, dada a proximidade de pedreiras donde já os Romanos extraíram o material marmóreo para as suas epígrafes, se verifica a importância do suporte para a boa execução dos monumentos. De resto, a epigrafia de Odrinhas – sobre a qual, naturalmente, não vamos debruçar-nos, porque optámos por nos cingir ao que ousaríamos designar de «perímetro urbano» da *Olisipo* romana, com base no que a Arqueologia e a dispersão geográfica dos achados nos permite definir (2) – essa epigrafia revela-se de altíssima qualidade gráfica e estética.

Para as inscrições de *Olisipo* terá vindo, pois, o mármore da região de Pêro Pinheiro, assim como de Cascais (o mármore avermelhado) e o róseo da Serra da Arrábida. Predomina a epigrafia dos primórdios do Império. A capital quadrada ou actuária, bem desenhada, constitui o traço mais comum no recorte das letras. O uso da goiva é muito raro (e apenas para os escassíssimos monumentos datáveis ainda da República), tendo-se generalizado o

(2) Trata-se, sem dúvida, de uma opção difícil de garantir, sabendo nós como as pedras de um aglomerado urbano se movimentam de dentro para fora e... de fora para dentro. A nossa será sempre, pois, uma opção sujeita a muitas perplexidades, ainda que – cada vez mais, como se sabe – se tenda a considerar, em História e em Arqueologia, que é mui ténue a linha divisória entre o urbano e o rural.



Fig. 2. Pedestal na Travessa do Almada. CIL II 190.

uso do badame para dar aos caracteres um cuidadoso traçado em bisel.

Diversas oficinas epigráficas existiriam, pois, na cidade e seus arredores, cujos canteiros depressa terão aprendido com os *lapidarii* vindos da Península Itálica, que lhes trouxeram, aliás, os modelos tipológicos (longas estelas de topo arredondado, placas bem molduradas, cipos paralelepípedicos, altares de confecção elegante, pedestais...) comuns a muitas regiões itálicas.

Ainda que não existentes (até ao momento) no aro urbano olisiponense, particular relevo merecem, porém, as cupas (de Sintra, de Cascais...), que, lisas, semicilíndricas e com a inscrição num dos topos, certamente mais não pretendem imitar que os alvéolos abobadados dos columbários onde a urna era guardada. Columbários, decerto, terá havido também – e prova disso é o facto de termos inscrições em placas de contornos semicirculares, de que boa parte nada mais seria, de facto, do que as tampas desses ló-

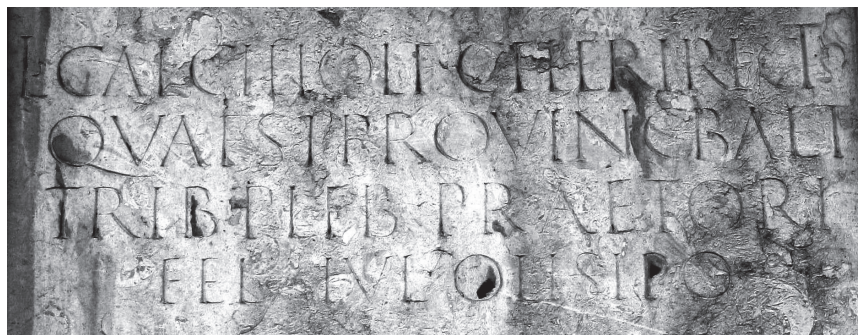


Fig. 3. Texto de CIL II 190.

culos, com a identificação do(s) defunto(s) ali sepultado(s). Contudo, encontram-se vestígios (já bastante danificados, é certo) de cupas em argamassa e em alvenaria, em cujo topo poderiam, de facto, ser aplicadas essas placas, tal como vemos na Isola Sacra pequenas placas no dorso de cupas em argamassa; aqui poderiam figurar no topo, a exemplo das cupas de mármore inteiriças que temos em Odrinhas e em Cascais.

O livro «Epigrafia de Olisipo»

Na história da investigação da epigrafia romana de Lisboa, só uma vez surgiu uma abordagem monográfica. Datada de 1944, publicada pela Câmara Municipal de Lisboa e da autoria do engenheiro Augusto Vieira da Silva, *Epigrafia de Olisipo. Subsídios para a História da Lisboa Romana* continua a ser, ainda hoje, o único trabalho monográfico de compilação. O autor, numas «Considerações prévias» (pp. 5-9), reconheceu que o seu estudo era baseado no que no *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (1869 e seu *Supplementum*, de 1892) (3) a Lisboa dizia respeito, sendo sua

(3) E. HÜBNER, *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, Berlim 1869. *Supplementum*, 1892. = CIL II. E tal como acontece neste volume, também a «Epigrafia de Olisipo» deixará de fora as epígrafes paleocristãs do concelho de Lisboa, situação que manteremos neste trabalho, referindo apenas que, em 1944, eram já conhecidos dois exemplares e que, actualmente, se conhecem mais 8. Sobre estes documentos epigráficos, ver, por exemplo: M. M. ALVES DIAS, C. I. SOUSA GASPAR, *Catálogo das Inscrições Paleocristãs do Território Português*, Lisboa 2006 (onde se assinalam as duas do Mosteiro de Chelas há muito desaparecidas e as três encontradas durante a realização dos trabalhos arqueológicos na área do balneário público romano, conhecido por Termas dos Cássios, depois da década de 1980); e A. GUERRA, *Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de São Jorge*, «Revista Portuguesa de Arqueologia», 9, 2, 2006, pp. 271-297 (onde se apresentam

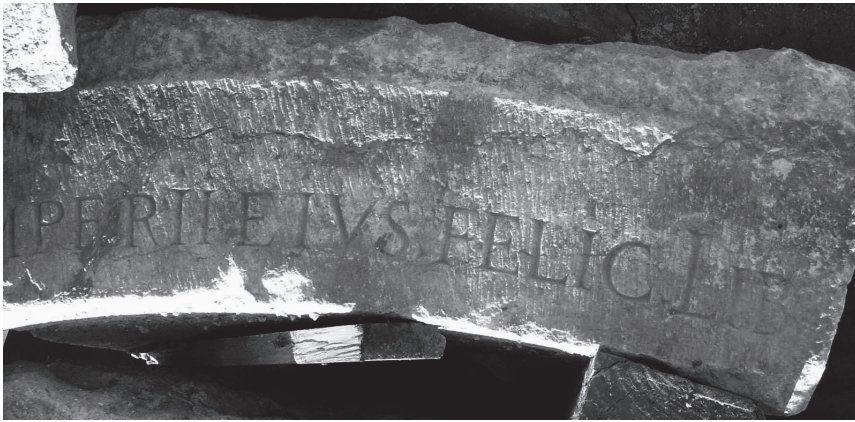


Fig. 4. Cópia de uma dedicatória imperial.

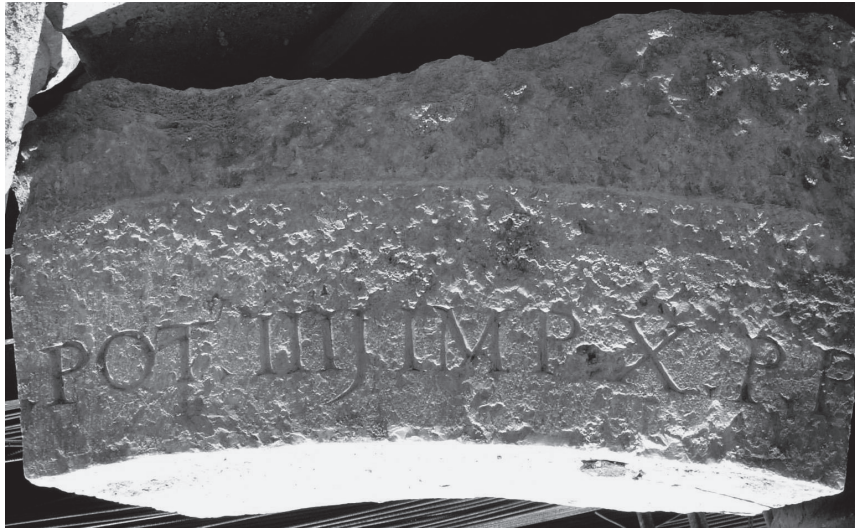


Fig. 5. Outro fragmento da cópia da Fig. 4.

intenção actualizá-lo com novas descobertas e disponibilizá-lo em língua portuguesa.

Se a influência do *CIL* II transparece no modelo de ficha epi-

três epígrafes encontradas no Castelo de São Jorge). Mais duas epígrafes paleocristãs de Lisboa se mantêm inéditas (uma identificada durante os trabalhos arqueológicos das Termas dos Cássios, na Rua das Pedras Negras, em 1991, e a outra durante a campanha de escavações da Praça da Figueira entre 1999 e 2001) e delas tivemos conhecimento graças ao arqueólogo Rodrigo Banha da Silva, a quem agradecemos a informação.

gráfica usado no inventário, as diferenças vão para além da actualização da informação e do abandono do Latim. Na *Epigrafia de Olisipo*, o âmbito geográfico é a área do município, mas assumidamente não do município romano e, assim, o *corpus* apresentado ultrapassa largamente os limites da *urbs*, mas fica muito longe de abranger todo o *territorium* do *municipium ciuium Romanorum* de *Felicitas Iulia Olisipo* (4).

Mesmo assim, antes do inventário das epígrafes e dos respectivos índices, Augusto Vieira da Silva, depois de traçar a *Evolução da epigrafia olisiponiana* (pp. 10-39), onde expôs criticamente a história do estudo dos monumentos epigráficos de Lisboa, do século XVI à sua época, conseguiu tecer importantes considerações sobre a *Distribuição topográfica das lápides olisiponenses* (pp. 40-93), que lhe permitiram apresentar uma visão geral do que seria a cidade romana de *Felicitas Iulia Olisipo*, em termos urbanísticos, político-administrativos, religiosos e até sociais (pp. 80-93).

Em *Inscrições olisiponenses existentes ou de que há notícia* (pp. 94-273), apresentou o inventário, onde constam as 148 epígrafes, cujo teor (5), localização do achado e eventual associação a outros vestígios possibilitaram as suas conclusões. De cada uma delas são apresentadas a leitura interpretada, a tradução, o local e as circunstâncias do achado, as referências bibliográficas (com variantes de leitura, quando as há) e o paradeiro. Por vezes, acrescentam-se observações; mas, no geral, pouca atenção é dada às tipologias monumentais e, menos ainda, às características paleográficas. Dos 48 monumentos cujo paradeiro era conhecido são

(4) Sobre a questão do perímetro da cidade e do município romano, ver, por exemplo: J. ALARCÃO, *Lisboa Romana e Visigótica*, in *Lisboa Subterrânea. Catálogo da Exposição*, Lisboa 1994, pp. 58-63; V. GIL MANTAS, *As cidades marítimas da Lusitânia*, in *Les Villes de Lusitanie Romaine. Hiérarchies et Territoires. Table Ronde Internationale du CNRS, Talence, 8-9 décembre 1988*, Paris 1990, pp. 149-205; V. GIL MANTAS, *Olisipo e o Tejo*, in *Actas das Sessões do II Colóquio Temático Lisboa Ribeirinha, Padrão dos Descobrimentos, 2-4 de Julho 1997*, Lisboa 1999, pp. 15-41; J. CARDIM RIBEIRO, *Felicitas Iulia Olisipo - Algumas considerações em torno do catálogo Lisboa Subterrânea, «Al-madan»*, II série, 3, 1994, pp. 75-95; S. SALVADO, *Lisboa. Evolução: Período Romano*, in *Dicionário da História de Lisboa* (dir. F. SANTANA e E. SUCENA), Lisboa 1994, pp. 503-509.

(5) Aceitando de forma mais ou menos acrítica as suas leituras: cerca de 94 funerárias (n. 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 16, 19, 20, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 76, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 143, 144, 144H), 19 votivas (n. 1, 2, 9, 24, 25, 26, 27, 31, 73, 78, 81, 101, 103, 104, 119, 121, 144E, 144F, 144G), 20 honoríficas (n. 23, 28, 36, 41, 42, 43, 53, 54, 57, 60, 71, 72, 74, 75, 77, 79, 80, 82, 91, 93), 5 monumentais (n. 11, 13, 21, 22, 70) e 10 de teor indeterminado (n. 15, 17, 18, 19, 59, 96, 111, 127, 140, 141).



Fig. 6. Estela de M. Iulius Piso. Museu da Cidade.

sempre disponibilizados desenhos, dimensões e a altura das letras da inscrição.

Cristalizado no tempo em que foi publicado e não reflectindo os percursos evolutivos da ciência epigráfica, nomeadamente aqueles que foram abertos, muito mais tarde, por Giancarlo Susini e que põem a tónica no conceito de «paisagem epigráfica» e de «oficina epigráfica» (6), Augusto Vieira da Silva revela, ainda

(6) Conceitos expressos, entre outros trabalhos do mesmo autor, em: G. SUSINI, *Il Lapidario Romano. Introduzione all'Epigrafia Latina*, Bologna 1967; *Epigrafia Romana*, Roma 1982, ou no interessante artigo, *Compitare per via. Antropologia del lettore antico: meglio, del lettore romano, «Alma Mater Studiorum»*, I, 1 (Bologna), 1988, pp. 105-115.

assim, alguma sensibilidade relativamente a esses temas, quando se preocupa em analisar a «Distribuição topográfica das lápides olisiponenses», onde chega a especificar que «os romanos iam buscar as pedras de cantaria para as construções, monumentos e inscrições de *Olisipo* às pedreiras dos arredores de Lisboa; a pedra mais ordinária a Alcântara, a lioz a Pêro Pinheiro e Montelavar, e alguns mármore à região de Sintra. Os povos que se lhes seguiram aproveitaram essas pedras, que encontraram já aparelhadas, como material de cantaria ou de alvenaria na edificação urbana, e nas muralhas com que envolveram e limitaram a cidade, conhecidas por cêrca velha ou moura» (pp. 45-46).

Sessenta e seis anos depois

Sessenta e seis anos depois e embora continue uma referência incontornável, entre outras razões, porque mantém o seu estatuto de último *corpus* da epigrafia romana de Lisboa, a *Epigrafia de Olisipo* aparece, compreensivelmente, como um trabalho profundamente desactualizado em quase todos os aspectos. Actualmente, o panorama epigráfico romano do município de Lisboa é significativamente diferente.

a) Novas interpretações

Mais de seis décadas de trabalho crítico sobre a *Epigrafia de Olisipo*, de Augusto Vieira da Silva, acabaram por resultar em conclusões diferentes, a partir dos mesmos dados. Por um lado, aturados trabalhos de pesquisa bibliográfica e arquivística vieram demonstrar, nalguns casos confirmando dúvidas já expressas por Augusto Vieira da Silva (7), que, pelo menos, 9 epígrafes (8) das

(7) Augusto Vieira da Silva explica que as epígrafes n. 119, 120 e 126, embora tenham sido achadas em Lisboa, não eram originalmente de Lisboa (pp. 76 e 78) e expressa dúvidas quanto à proveniência de vários monumentos, nomeadamente dos n. 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141 (p. 79).

(8) São as que aparecem na *Epigrafia de Olisipo* com os n. 113, 119, 120, 121, 122, 124, 126, 139 e 140. As epígrafes que aparecem no *corpus* de Augusto Vieira da Silva com os n. 113, 121, 122 e 125 são, afinal, do concelho de Cascais (ver, por exemplo: J. D'ENCARNAÇÃO, *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Cascais 2001, n. 9, 1, 8 e 19, respectivamente); os monumentos que apresentam os números 120 e 140 são provenientes do concelho de Mértola (ver, por exemplo: J. D'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis. Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra 1984, n. 104 e 118, respectivamente); a epígrafe n. 119 é, como Augusto Vieira da Silva supunha, do concelho de Santarém (A. GUERRA, *A epigrafia de Scallabis*, in *De Scallabis*

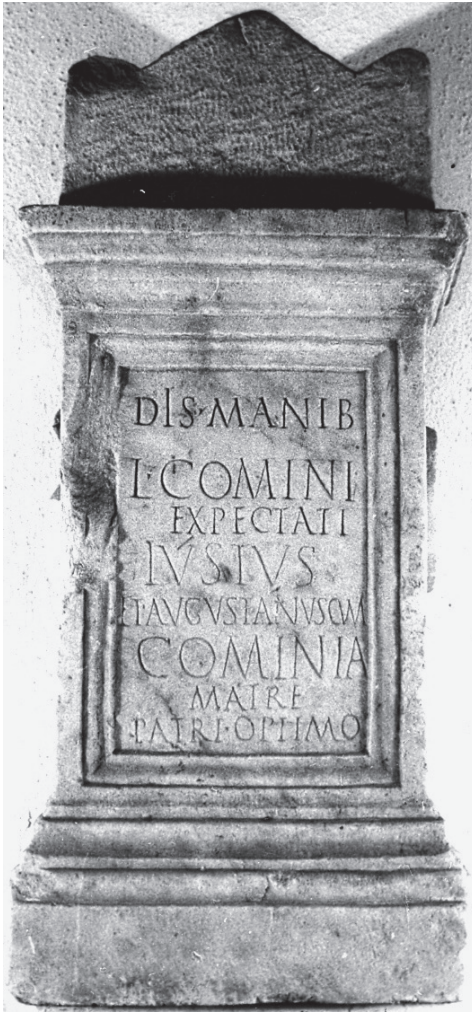


Fig. 7. Altar de L. Cominius Expectatus.

Fig. 8. Praefericulum (decoração lateral esquerda da Fig. 7).

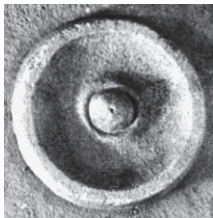
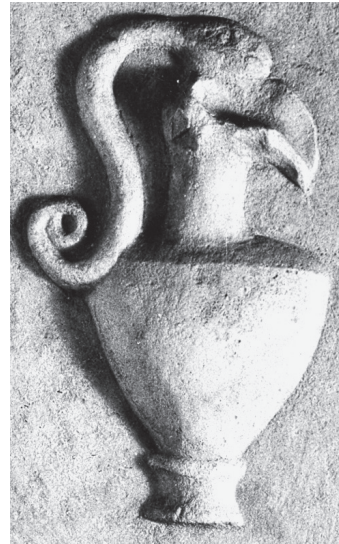


Fig. 9. Patera (decoração lateral direita da Fig. 7).

148 elencadas nunca pertenceram originalmente ao território do concelho de Lisboa, reduzindo o *corpus* dos monumentos para 139.

Por outro lado, novas leituras e mais fundamentadas foram sendo apresentadas, nalguns casos alterando significativamente as interpretações de Vieira da Silva. E, assim, um MERCVRIO [T]HORIALI (n. 2) é, afinal, um MERCVRIO [C]OHORTALI (9); um NEMETI[VS] / FIRMVS AV[G(*ustalis*)] / V(*ir*) E(*gregius*) R(*omanus*) VI(*xit*) LXX / HER(*edes*) [?] S(*uo*) F(*aciendum*) [C(*uraverunt*) ?] (n. 11) é, antes, um NEMETE[VS] / FIRMVS AV[G(*usti*)] / VER(*na*) VIL(*licus*) XX (*vicesima*) / HER[ED(*itatum*)] [L? *vel* E?] S(*uo*?) F(*ecit*?) (10); um estranho *Genius* local, APONIANICO POLISCINIO (n. 144G) é, apenas, o nome de uma dedicante, chamada APONIA NICOPOLIS, a um génio não identificado (11); um obscuro epíteto de Júpiter, ASSAECO (n. 144E), corresponde, afinal, a uma não menos obscura divindade indígena, KASSAECO (12).

Noutras ocasiões, não é o texto que suscita as reflexões e revisões, mas a realização material e a localização original da inscrição, como aconteceu, por exemplo com a inscrição que aparece na *Epigrafia de Olisipo* com o n. 22 (CIL II, 191). Registada pela primeira vez, em 1771, nas ruínas de uns banhos públicos romanos, descobertos na sequência do terramoto de 1755, desapareceu juntamente com os outros vestígios após os trabalhos de reconstrução. Operações urbanísticas no local, na década de 1980, possibilitaram a realização de escavações arqueológicas que recuperaram muitos dos vestígios do edifício, mas não a impor-

a *Santarém*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2002, pp. 179-184); o monumento com o n. 139 (CIL II 5227) com suposto paradeiro no Museu do Louvre, é, afinal, de Peniche (vide Rui VENÂNCIO, *De uma inscrição encontrada em Peniche à história de uma importante família olisiponense*, «Conimbriga», 39, 2000, pp. 259-273.= *Hep*, 10, 2000, 729 = *AE* 2000, 682) e a n. 126 (CIL II, 32*), correspondente a uma urna cinerária em mármore de Carrara, veio efectivamente de Roma (CIL VI, 15748), justificando-se a sua presença em Lisboa, ainda antes de meados do século XIX, pelo gosto pelo colecionismo e a paixão pelas antiguidades.

(9) S. LAMBRINO, *Les inscriptions de S. Miguel de Odrinhas*, «Bulletin des Études Portugaises de l'Institut Français au Portugal», n. s. 16, 1952, pp. 134-175 (especificamente sobre a epígrafe: pp. 170-171).

(10) J. D'ENCARNAÇÃO, *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa 1975, pp. 246-247.

(11) J. CARDIM RIBEIRO, *Aponianicus Poliscinius: um falso teónimo*, in *Actas del IV Colóquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*, Victoria - Gasteiz, 6-10 de Mayo de 1985, Victoria, 1987, pp. 311-325.

(12) C. BÚA, A. GUERRA, *Nova interpretação de uma epígrafe votiva do Poço de Cortes, Lisboa (EO 144-E)*, in *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana. Actas del VII Colóquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*, Zaragoza, 12-15 de Marzo de 1997, F. VILLAR, F. BELTRÁN eds., Zaragoza 1999, pp. 329-338.

tante inscrição (segundo as descrições, pintada: *tegula inscripta litteris minio pictis* [CIL II, 191]) que permitiu que as ruínas ficassem conhecidas por «Termas dos Cássios». Embora o teor do texto da epígrafe (que, entre outras informações, possibilitou a identificação dos vestígios e a datação segura das profundas obras de restauro de que foi alvo na época de Constantino) nunca tenha suscitado muitas dúvidas aos investigadores, já o que respeita à sua localização no edifício dos banhos, ao material de suporte e às técnicas epigráficas usadas para a sua realização têm sido assuntos largamente debatidos (13).

b) Novos achados

Entretanto, o *corpus* das epígrafes romanas do município de Lisboa foi acrescentado por novas descobertas feitas em vários pontos da zona histórica da cidade, tanto casualmente como no decorrer de operações urbanísticas variadas, muitas vezes precedidas e/ou acompanhadas de trabalhos arqueológicos.

Na Praça da Figueira, por ocasião da construção de uma linha subterrânea do metropolitano de Lisboa, entre outros vestígios de épocas posteriores, foi identificada uma necrópole romana e, entre 1961 e 1962, período em que decorreram os trabalhos arqueológicos, foram recuperadas 12 epígrafes funerárias (14). Mais tarde, durante os trabalhos arqueológicos prévios à construção de um parque de estacionamento subterrâneo na mesma praça, entre 1999 e 2001, foram recuperados mais 6 epitáfios (15).

(13) Sobre este assunto: J. D'ENCARNAÇÃO, *As termas dos Cássios em Lisboa. Ficção ou realidade?*, in *Lusitânia Romana entre o mito e realidade. Actas da VI Mesa redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana, 4-6 de Novembro de 2004*, Cascais 2009, pp. 481-493.

(14) Sobre os trabalhos arqueológicos da década de 1960 na Praça da Figueira e os seus achados epigráficos vejam-se: F. BANDEIRA FERREIRA, *Diário das escavações sistemáticas na Praça da Figueira em Lisboa*, 1962 (manuscrito); F. BANDEIRA FERREIRA, P. VICENTE, *Escavações na Praça da Figueira*, «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa», 2^o Trimestre, Lisboa 1962, p. 187; J. MENDES DE ALMEIDA, F. BANDEIRA FERREIRA, *Varia epigraphica*, «Revista de Guimarães», 75, 1965, pp. 82-109; M. HELENO, *Estação Lusitano-Romana da Praça da Figueira*, «Ethnos», 4, 1965, pp. 305-309; I. MOITA, *Achados de época romana no subsolo de Lisboa*, «Revista Municipal», 116-117, Lisboa 1968, pp. 33-71; I. MOITA, *Noticiário arqueológico e artístico. II, Lápide luso-romana na Rua do Correio-Velho*, «Revista Municipal», 128/129, Lisboa, 1971, pp. 72-73; M. M. ALVES DIAS, *Um epitáfio romano achado em Lisboa (Conventus Scallabitanus)*, «Euphrosyne», n. s., 12, 1983-1984, pp. 235-238; J. D'ENCARNAÇÃO, L. FERNANDES, *Urna cinerária romana da Praça da Figueira*, «Olisipo», II série, 5, Lisboa 1997, pp. 15-19.

(15) Sobre os trabalhos arqueológicos na Praça da Figueira entre 1999 e 2001, bem como dos seus achados epigráficos não existe ainda qualquer publicação específica. Contudo, preciosas informações podem obter-se em: N. MARTINS MOTA, *A epigrafia funerária da necrópole noroeste de Olisipo. Um estudo integrado*, trabalho apresentado ao seminário de Fontes Documentais para a História Antiga, no âmbito do Curso de Mestrado em Arqueologia da Faculdade de

Em trabalhos arqueológicos realizados na encosta da Sé de Lisboa e, em particular, na área onde se identificaram as ruínas do teatro romano da cidade, a partir da década de 1960, não só foram recuperados alguns blocos epígrafados da grande inscrição do *proscenium* que Augusto Vieira da Silva registava como desaparecida, como ainda se descobriram mais 5 epígrafes (duas monumentais e três funerárias não relacionáveis com o teatro) (16).

Descobertas casuais na Rua da Madalena, em 1955 (17), nos muros do Castelo de São Jorge e na zona compreendida pela Rua das Farinhas, o Largo da Rosa e a Rua Marquês Ponte de Lima, na década de 1980, deram a conhecer mais 6 epígrafes (cinco funerárias e uma votiva) (18).

Também nos inícios da década de 1980, trabalhos arqueológicos na Casa dos Bicos (na Rua dos Bacalhoeiros) trouxeram à luz um monumento romano rapidamente considerado como miliário (19).

No local onde se identificaram as ruínas dos balneários públicos romanos, conhecidos como Termas dos Cássios, atrás referidos, nomeadamente na zona do Largo do Correio-Mor, Rua das Pedras Negras e Travessa do Almada, os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na décadas de 1980 e de 1990 permitiram a desco-

Letras da Universidade de Lisboa, 2002 (policopiado); R. BANHA DA SILVA, *As marcas de oleiro em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. - II d.C.)*, Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, na especialidade em Arqueologia Urbana, Braga, Instituto de Ciências Sociais, 2005 (policopiado), pp. 31-58 (capítulo IV: A necrópole noroeste de *Olisipo*).

(16) Informações detalhadas sobre estes achados podem obter-se em: A. M. DIAS DIOGO, L. TRINDADE, *Inscrição dedicada a um possível natural de Útica, proveniente de Lisboa*, «Ficheiro Epigráfico», 49, 1995, n. 223; ID., *Fragmento de placa funerária do teatro romano de Lisboa*, «Ficheiro Epigráfico», 50, 1995, n. 228; *ibidem*, *Fragmento de inscrição de C. HEIVS PRIMVS, proveniente de Lisboa*, «Ficheiro Epigráfico», 55, 1997, n. 256. M. M. ALVES DIAS, C. I. S. GASPAR, B. M. MOTA, *Epigrafia do Território Português. II: Inscrições Gregas*, Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, 2001, n. 1, p. 16. Sobre o *proscenium* do teatro em todos os seus aspectos incluindo o epigráfico, veja-se por exemplo: L. FERNANDES, A. CAESSA, *O proscenium do teatro romano de Lisboa: aspectos arquitectónicos, escultóricos e epigráficos da renovação decorativa do espaço cénico*, «Arqueologia & História», 58/59, 2006/2007, Lisboa 2010, pp. 83-102.

(17) J. D'ENCARNAÇÃO, L. FERNANDES, *Sobre uma inscrição romana da Rua da Madalena em Lisboa*, «*Olisipo*», II s., n. 7, 1998, pp. 7-12.

(18) S. SALVADO, S. V. FERREIRA, *Três inscrições romanas de Olisipo*, «Lisboa. Revista Municipal», 2ª s., n. 8/9/10, 2º/3º/4º trimestres de 1984, pp. 9-16 (publicando duas inéditas) S. SALVADO, S. V. FERREIRA, J.M.D. e M.C. ROBALO, J. M. DIAS, M. CONCEIÇÃO *Três outras inscrições romanas de Olisipo*, «Lisboa. Revista Municipal», 2ª s., n. 18, 4º trimestre de 1986, pp. 3-13 (uma das quais inédita).

(19) C. AMARO, *Casa dos Bicos. Notícia histórico-arqueológica*, «Arqueologia», 6, 1982, pp. 96-111; J. CARDIM RIBEIRO, *Estudos histórico-epigráficos em torno de figura de L. Iulius Maelo Caudicus*, «*Sintria*», 1-2, 1982-1983, p. 431-432.

berta de mais 4 epígrafes (uma honorífica e provavelmente três funerárias) (20).

As escavações arqueológicas que se realizaram no Castelo de São Jorge, entre 1990 e 2010, possibilitaram a descoberta de mais 11 epígrafes (21) e intervenções arqueológicas prévias a obras de reabilitação urbana no Largo do Contador-Mor n. 17-21, em 2009 (22) e no Beco do Forno do Castelo n. 14-20 (23), em 2010, puseram mais 2 monumentos funerários a descoberto.

Assim, às 139 lápides romanas registadas por Augusto Vieira da Silva devem, actualmente, acrescentar-se mais 47 monumentos, totalizando um universo de 186 epígrafes para o concelho de Lisboa.

c) *Reaparecimentos*

Tão entusiasmante como a descoberta de epígrafes nunca antes registadas, tem sido o reaparecimento de monumentos referidos na bibliografia, mas dados como desaparecidos na *Epigrafia de Olisipo*. Esses reaparecimentos são tanto mais interessantes quanto parecem verificar-se muitas das circunstâncias registadas pela bibliografia e interpretadas por Augusto Vieira da Silva a respeito das características, do texto que teriam gravado e do paradeiro das epígrafes até ao momento do seu desaparecimento. Este facto bem pode demonstrar que existe maior rigor nos antigos registos do que é habitual supor-se (24).

Talvez o mais espectacular de todos os reaparecimentos seja o da monumental inscrição do *proscenium* do teatro romano de

(20) Cfr., de A. M. DIAS DIOGO e L. TRINDADE, *Homenagem a L. CORNELIVS BOCCHVS encontrada nas Termas dos Cássios*, «Ficheiro Epigráfico», 60, 1999, n. 275; *Um fragmento de epígrafe romana proveniente das Termas dos Cássios*, «Ficheiro Epigráfico», 61, 1999, n. 279; *Fragmento de inscrição referente a um ALBINVS, proveniente de Lisboa*, «Ficheiro Epigráfico», 62, 1999, n. 282; *Fragmento de inscrição referente a um IVLIVS, proveniente de Lisboa*, «Ficheiro Epigráfico», 62, 1999, n. 283.

(21) A. GUERRA, *Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de São Jorge*, «Revista Portuguesa de Arqueologia», 9, n. 2, 2006, pp. 271-297, onde, para além de publicar os achados epigráficos inéditos do Castelo de São Jorge, o autor refere todos os achados anteriores e apresenta um breve balanço entre o panorama epigráfico de Lisboa ao tempo da *Epigrafia de Olisipo* e o ano em que publica o seu estudo.

(22) A. CAESSA, N. MOTA, *Estela funerária do Largo do Contador Mor em Lisboa*, a publicar no «Ficheiro Epigráfico».

(23) Informação gentilmente prestada pelos arqueólogos Marina Carvalhinhos, Nuno Mota e Pedro Miranda, a quem se apresentam agradecimentos.

(24) Sobre o quanto há de imaginação e/ou de rigor em muitas das obras literárias mais antigas que registam inscrições romanas, veja-se por exemplo: J. D'ENCARNAÇÃO, *Da imaginação e do rigor*, «Estudos Arqueológicos de Oeiras», 10, 2001/2002, pp. 387-404.

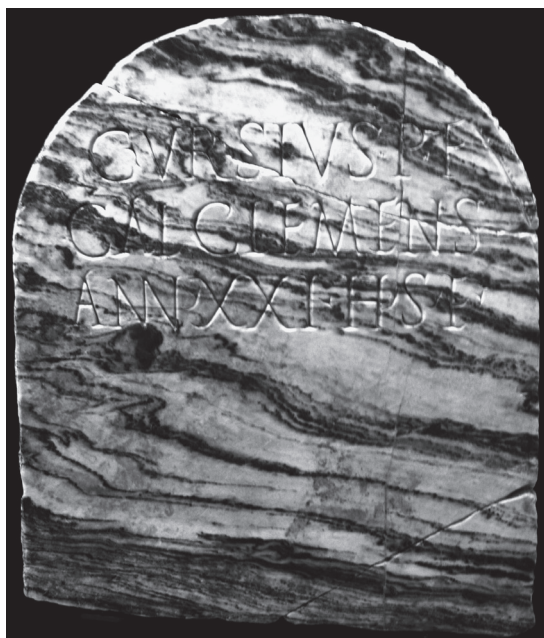


Fig. 10. Placa de C. Ursius Clemens. Museu da Cidade.

Lisboa, publicada na *Epigrafia de Olisipo* com o n. 70 (CIL II, 183). Esta inscrição (25), vista pela primeira vez, juntamente com outros vestígios do teatro, em 1792, foi reproduzida em desenho por Francisco Xavier Fabri, antes que a reconstrução pombalina que originou as actuais Rua de São Mamede e a Rua da Saudade a fizesse desaparecer, assim como às ruínas do edifício a que pertencera. As campanhas arqueológicas, no local dos vestígios, a partir da década de 60 do século XX, permitiram devolver à cidade as ruínas do teatro romano e recuperar dez dos blocos epigrafados da inscrição (26). Embora o reaparecimento destes blocos tenha

(25) Para uma súpula da questão (com referência a bibliografia anterior), veja-se por exemplo: L. FERNANDES, A. CAESSA, *O proscaenium do teatro romano de Lisboa: aspectos arquitectónicos, escultóricos e epigráficos da renovação decorativa do espaço cénico*, «Arqueologia & História», 58/59, 2006/2007, (2010), pp. 83-102 (especialmente, pp. 93-98).

(26) Em exposição permanente no Museu do Teatro Romano de Lisboa estão cinco blocos, outros cinco guardam-se nas reservas do museu. De nove desses blocos já foi publicada descrição pormenorizada por TH. HAUSCHILD, *Das römische theater von Lissabon. Planaufnahme 1985-1988*, «Madrider Mitteilungen», 31, 1990, pp. 375-377. Recentemente (Junho de 2010) foi identificado, durante operações de transferência de espólio entre edifícios de Reserva do Museu da Cidade, mais um bloco ainda inédito, de pequenas dimensões (31×14×29 cm), em líz rosa, epigrafado com o que aparenta ser um «C».



Fig. 11. Epitáfio de Creusa, Avitae serva. Museu da Cidade.

vindo esclarecer muitas questões a respeito das opções técnicas epigráficas que foram tomadas aquando da realização da epígrafe, a verdade é que, de um modo geral, os blocos aparecidos permitem considerar os registos suficientemente rigorosos.

Outro reaparecimento notável diz respeito ao monumento que, na *Epigrafia de Olisipo*, aparece com o n. 80 (CIL II, 217). Este monumento, do qual, muito embora estivesse desaparecido, se dá informação sobre a tipologia – cipo – e as dimensões, apresentava um texto dedicado a Vespasiano, datável de cerca de 73 d.C. Nas «observações», Augusto Vieira da Silva indica (p. 190) que o CIL II «(...) apresenta duas transcrições desta inscrição que estavam em duas pedras diferentes no mesmo local, uma num arco, e outra na sua base. As duas inscrições eram quase idênticas, pois que apenas divergiam nas palavras finais (...)». Mais adiante (p. 191) acrescenta que «é lícito supor que, se existiram as duas, uma delas tivesse sido copiada da outra, ou porque esta estivesse em sítio alto, que dificultasse a leitura, ou porque tivesse as letras já muito apagadas e por isso difíceis de ler». Quando se refere ao lugar «onde foi encontrada e depois colocada» (pp. 191-192), Augusto Vieira da Silva, baseado na interpretação de toda a bi-

bliografia que registara a epígrafe, informa que o monumento foi visto quando se faziam os alicerces da nova igreja de São Vicente de Fora (iniciada em 1582) e que daí teria sido levada por Fernão Teles de Meneses, que a mandou colocar a meio de um arco de entrada no jardim do seu palácio, em frente ao Convento de Nossa Senhora dos Remédios, dos Carmelitas Descalços, em Lisboa. Acrescenta ainda que «a outra lápide que continha a cópia (?) da inscrição parece que estava na base do arco» e especifica que o tal palácio «(...) que depois foi dos Viscondes de Asseca, ficava no sítio do prédio da rua das Janelas verdes, n. 3, 5 e 7, e foi demolido cerca do ano de 1881 para a construção duma serração e armazém de madeiras, e fábrica de pregaria; é provável portanto que por esse tempo desaparecesse a inscrição» (p. 192).

Estas informações tão pormenorizadas, bem como as cuidadas deduções que delas fez Augusto Vieira da Silva, revestem-se de nova importância desde que, em 2006, durante a intervenção arqueológica de acompanhamento da demolição dos edifícios sitos na Rua das Janelas Verdes, n. 3 a 7 (27), para a construção de um novo prédio (actualmente com os n. 3 a 3 B), foram encontradas descontextualizadas, num local de aterro sobre o que fora um jardim, três secções de um arco com inscrição... (28) aquela que, em «Epigrafia de *Olisipo*», aparece com o n. 80. O texto, de acordo com a transcrição, não está completo, correspondendo apenas à sua parte final, onde se indicam algumas titulações de Vespasiano (o 4º poder tribunício, a 10ª aclamação como *imperator*, o título honorífico de *pater patriae*, a designação para a 5ª censura) e, no final, as abreviaturas FELIC LIB (29). Esta expressão final não foi a opção de Augusto Vieira da Silva que preferiu para a sua interpretação a solução mais provável, também registada nas fontes, de FELIC(*itas*) IVL(*ia*) [OLISIPO].

Uma análise das técnicas epigráficas usadas para a gravação do texto no arco, ainda que breve e descomprometida, confirma a hipótese de ter sido feita uma cópia da dedicatória a Vespasiano. Isto porque as letras, capitais monumentais quadradas, gravadas em bisel, traem uma criação renascentista: os pontos que

(27) Sobre esta intervenção arqueológica e os seus achados, ver: S. FANADO, *Relatório de trabalhos arqueológicos - Rua das Janelas Verdes (Lisboa)*, ERA - Arqueologia, S. A., 2007 (policopiado).

(28) As três secções do arco deram entrada nas reservas do Museu da Cidade, no início de 2007, e mantêm-se inéditas.

(29) Apresentam a seguinte inscrição: a) POT.IIIJ.IMP.X.P.P. b) SORI.DESIGN.ANN. IIIII c) IMPERII.EIVS.FELIC.LIB.

separaram as palavras, abreviadas ou não, encontram-se alinhados na base das letras, em vez de estarem a meio da sua altura; os I têm sempre os pontos superiores e alguns (os finais) estão mesmo transformados em J, também com a respectiva pontuação; e os M não são os M romanos conseguidos à custa como que de dois A geminados sem as hastes horizontais centrais, mas sim os M de hastes exteriores perfeitamente verticais e em que o V central atinge apenas o meio da altura das letras.

Resumindo, as três secções do arco desenterradas no sítio da Rua das Janelas Verdes n. 3 a 7 são parte da cópia renascentista do monumento romano descoberto no ano de 1593, durante as obras da Igreja de São Vicente de Fora. As informações veiculadas nas fontes, compiladas e interpretadas por Augusto Vieira da Silva, não estavam, portanto, longe da verdade. Uma vez que foi no que restou do tal arco de jardim que se encontrou a cópia da inscrição, será de acreditar que a epígrafe romana original estivesse, afinal, gravada no cipo, em princípio também transportado para o jardim do palácio, mas infelizmente não recuperado durante a intervenção arqueológica. Este texto em que toda a comunidade de *Olisipo* homenageia Vespasiano, por volta de 73 d.C. pode, muito provavelmente, relacionar-se com a concessão do *ius latium* a todas as comunidades não privilegiadas da Península Ibérica (muito embora *Felicitas Iulia Olisipo* beneficiasse desde há muito do *ius romanum*) e talvez o cipo em que estava gravado fosse, muito simplesmente, o pedestal que suportava uma estátua do imperador.

O reaparecimento mais recente é precisamente o do pedestal a um imperador, neste caso, Augusto. Trata-se do monumento publicado em «Epigrafia de *Olisipo*» com o n. 74 (*CIL* II, 182), identificado, em Outubro de 2009, durante o acompanhamento arqueológico de uma obra de requalificação do edifício sito no Largo do Contador Mor, n. 3 e 4, adaptado à função de tanque. (30) Mais uma vez, neste caso, as informações compiladas por Augusto Vieira da Silva (pp. 182-184) demonstraram rigor, confirmando a leitura proposta e mesmo outros elementos bem mais difíceis de apurar. Escrevia-se, do monumento, que era grande e de forma quadrada, talvez um pedestal e que nos inícios do século XVI se

(30) Sobre este assunto, ver C. QUINTEIRA, J. D'ENCARNAÇÃO, *Pedestal ao divino Augusto, de Olisipo, reencontrado*, «Sylloge Epigraphica Barcinonensis», 7, 2009, pp. 143-146 [acessível em <http://hdl.handle.net/10316/12252>]; e: *CIL* II 182, de Olisipo, «Conimbriga», 48, 2009, pp. 181-187 [acessível em <http://hdl.handle.net/10316/13088>].

encontrava junto à Igreja de Santiago, numa casa que ficava no local do edifício que fazia a esquina do Largo do Contador Mor para a Rua de Santiago, acrescentando-se que, em 1773, ainda se conservava visível, próximo «do Cais (qual?) na casa dum certo fidalgo» (p. 183). De facto, foi bem perto da Igreja de Santiago que o monumento foi reencontrado, não na esquina com a Rua de Santiago, mas do lado contrário, mais perto da Rua das Damas. A sua transformação num tanque associa o monumento a água, o que talvez possa, de algum modo, explicar a bizarra referência a um cais.

Concluindo

A análise de um livro «clássico» sobre a epigrafia romana de uma das mais celebradas cidades lusitanas, *Olisipo*, o primeiro que Giancarlo Susini teve oportunidade de ler e que poderá, na verdade, ter constituído o começo do seu fascínio pelos monumentos epigráficos desta zona ocidental do Império, serviu-nos, pois, para ilustrar como as lições do Mestre acabaram por dar os seus frutos: a cuidadosa releitura do que fora escrito, a revisão das epígrafes menos habituais, o olhar mais atento às pedras que nos rodeiam... permitiram-nos permitir traçar, 66 anos volvidos, um retrato mais fiel do que fora a «paisagem epigráfica» olisiponense.

E se – como acima enunciámos – a tipologia de muitos monumentos do *ager Olisiponensis* nos leva até à Península Itálica, inclusive a *Sarsina*, não é menos verdade que foi o olhar de Giancarlo Susini, veiculado pelas suas obras, que continua e desveladamente nos guiou. Daí, a nossa homenagem (31)!

(31) Este estudo insere-se, por parte de Ana Caessa, na sua investigação como arqueóloga no Museu da Cidade, Departamento do Património Cultural da Câmara Municipal de Lisboa; pela parte de José d'Encarnação, integra-se no projecto de investigação do grupo *Epigraphy and Iconology of Antiquity and Medieval Ages*, do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (Unidade I&D n. 281 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).